



PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO NA ESCRITA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA REDUÇÃO DESTE FENÔMENO.

Regina Claudia Custódio de Lima
Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/PROFLETRAS/CAPES)
reginaclaudialima@gmail.com
leonidas.silvajr@gmail.com

RESUMO: Esta pesquisa enfatiza a descrição de um fenômeno da oralidade que se transfere para a escrita, a monotongação, observada como um evento muito comum nos textos escritos pelos alunos do 6º ano C da escola de Ensino Fundamental Educador Francisco Pereira Nóbrega, em João Pessoa (PB). Observou-se na escrita desses alunos tanto a tendência de reduzir os ditongos (monotongação) como a de produzi-los (ditongação). Por isso, apresentamos, neste trabalho, os fatores que cooperam para a ocorrência desses dois fenômenos e relatamos uma proposta de atividade didática que, aplicada pelo professor, auxilie os alunos a alcançarem algum grau de “consciência fonológica” capaz de cooperar na escrita adequada de palavras com ditongo, evitando a monotongação.

PALAVRAS-CHAVE: Monotongação, Ditongação, Variação e Ensino da Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu da constatação de que uma grande parte desses alunos tem uma enorme dificuldade em relação à escrita de palavras do vocabulário considerado simples. Eles apresentam problemas básicos na escrita que, nesta fase, já deveriam ter sido sanados.

Uma das dificuldades observadas foi a migração para a escrita de dois fenômenos comuns na fala, a ditongação e a monotongação, sendo esta o fator motivador da sugestão de uma atividade simples, mas retextualizada que pudesse influenciar positivamente na escrita dos alunos.

Os fenômenos de ditongação (produção de um ditongo) e monotongação (redução do ditongo) são muitos comuns como variantes da língua portuguesa falada no Brasil em diferentes regiões do país. Eles têm sido também o escopo de diferentes trabalhos nos campos da Linguística, Fonética e Fonologia e até mesmo da

Fonoaudiologia, área que também se preocupa com os desvios ortográficos, mas ocasionados por distúrbios como, por exemplo, a dislexia. Nesse caso, a dificuldade relativa à discriminação fonológica leva a pronunciar erroneamente as palavras, desenvolvendo uma percepção equivocada dos sons, o que fará o indivíduo ler e escrever de forma imprecisa (CAPELLINI, 2007).

Este fenômeno é recorrente na história da língua portuguesa no Brasil. Neste âmbito, Oliveira (2008) desenvolveu um interessante estudo sobre os processos de ditongação e monotongação presentes em textos escritos ao longo do século XIX por membros de uma irmandade negra, a *Sociedade Protetora dos Desvalidos*, fundada em 1832, por africanos, na cidade de Salvador/BA. Tal estudo nos confirma a ideia de que a transposição da fala para a escrita não é um fenômeno moderno, decorrente da utilização constante de mecanismos de comunicação digital (*messenger, twitter, whatsapp*, entre outros).

Este trabalho, contudo, não tem a pretensão de fazer um estudo tão amplo desses fenômenos considerando os aspectos históricos (variação diacrônica) ou mesmo com base na relação dessa variação como fruto de aspectos geolinguísticos (variação diatópica), visto que Aragão (2000) confirma em sua pesquisa que a hipótese desses fenômenos (ditongação e monotongação) serem frutos de uma variação regional pode ser descartada. Aragão (2000) ainda demonstra que existem “fatores linguísticos e extralinguísticos responsáveis por essas variações” (ARAGÃO, 2000, p. 109) e que, entre eles, a variação social (diastrática) é que mais corrobora para a ocorrência desse fenômeno tanto na fala, quanto na sua transposição para a escrita.

O fenômeno da ditongação é descrito por ARAGÃO (2000) como um “fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim, existência no sistema da língua, mas em sua realização na fala” (ARAGÃO, 2000, p. 112). O que se observa, na prática em sala de aula, é a influência da fala na escrita (MARCUSCHI, 2007) ainda nos alunos que já deixaram as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Sob o ponto de vista da Fonética, Silva (2014) nos explica que um ditongo é “uma vogal que apresenta mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica”. Grosso modo, podemos simplificar e dizer que o ditongo é a ocorrência de dois segmentos vocálicos na mesma sílaba, como ocorre, por exemplo, na palavra *pais*.

Ao representarmos o ditongo [aI] da palavra “pais” estamos expressando que ocorre um movimento contínuo e gradual da língua entre duas posições articulatorias vocálicas: de [a] até [I]. Em tal articulação os dois segmentos [a] e [I] ocupam uma¹ única sílaba. Um destes segmentos é o núcleo da sílaba (no caso de “pais” o núcleo da sílaba é [a]). O outro segmento é assilábico, não podendo ser núcleo da sílaba e corresponde ao glide. (SILVA, 2014, p.28)

A formação do ditongo ocorre pela junção de uma vogal e um *glide*, mais conhecidos como semivogais. Em transcrições fonéticas, são representados ora por consoantes [j, w], [y, w] ora por vogais (do inglês) [ɪ, ʊ] ou do português [I, U].

É curioso mencionar que Bonilha (2009) nos apresenta pelas conclusões de sua pesquisa que os falantes da língua portuguesa brasileira aprendem a falar a estrutura do ditongo (vogal- *glide*) antes mesmo da estrutura vogal – consoante:

Através da análise da aquisição dos ditongos orais decrescentes, constata-se que a estrutura silábica VG é adquirida antes da estrutura VC no PB¹, uma vez que os ditongos constituídos pelas vogais baixas e médias-baixas, como vogal base, apresentam índices acima de 80% de produção desde as faixas etárias iniciais. (BONILHA, 2009)

Para esclarecer o que vem a ser a **ditongação**, Aragão (2000) cita a explicação apresentada por Mattoso Câmara Jr. em seu *Dicionário de Linguística e Gramática*, de 1997, na página 100:

No português moderno deve-se a ditongação em dois casos: 1. vogal tônica em hiato, quando a) média anterior com o desenvolvimento de um ditongo /éy/ ou /êy/, indicando na grafia moderna (idéia, veia); b) média posterior fechada com o

1. Português Brasileiro.

desenvolvimento de um ditongo /ôw/ não indicado na grafia e inexistente nas zonas dialetais em que houve a monotongação do ditongo /ôw/ - boa – bôwa. 2. Dialetalmente, pela vogal tônica final travada por /s/ pós-vocálico, com o desenvolvimento dos ditongos de pospositiva /y/, pás, és, fez, sós, flux, cãs, pronunciadas / pays, feys, sóys, fluys.

A ditongação ocorre por meio do processo chamado de assimilação ou epêntese, a saber, o “acréscimo de um segmento à forma básica de um morfema.” (SEARA, 2011).

Existem ainda os casos em que a ditongação ocorre por influência da “hipercorreção”, em palavras como “boa” e “pessoa” são escritas como [‘bowa] e [pe’sowa], conforme pesquisa apresentada por Netto (2012) Nesses casos, existe a intenção de adequar-se à variante prestigiada, aquela que é mais valorizada na escola.

Já o fenômeno linguístico descrito como **monotongação** é, nas palavras de Aragão (2000), “uma redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação”. A autora ainda destaca o fato de que essa tendência pela redução dos ditongos é bastante antiga, vem desde o latim, e que tem sido estudado tanto como variação fonética, tendo em vista a economia na articulação, quanto como uma marca sociolinguística e dialetal (ARAGÃO, 2000, p. 113). Ela mesma também reforça sua definição de monotongação citando Câmara Jr. mais uma vez:

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido o monotongo ou /ô/, em qualquer caso, e ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiente (p)ouca, (b)oca, (c)caixa, como acha, (d)deixa).

Segundo Aragão (2000), existem fatores fonológicos que favorecem as ocorrências de monotongação:

a) Fonemas consonantais, / ʃ, ʒ, r / que surgem em posição posterior ao ditongo: o *glide* é neutralizado, conforme observados nos exemplos a seguir: “baixa” [‘baʃa];



“paixão” [‘paʃãw]; “feijão” [‘fezãw]; “queijo” [‘keʒu]; “touro” [‘touro]; “feira” [‘fera].

b) A extensão da palavra: quanto maior o número de sílabas na palavra, mais a monotongação ocorre, como nos exemplos: “brasileira” [brasi’lera]; “esteira” [is’tera]; “aleijado” [ale’zadu]; “apaixonado” [apaʃô’nadu]; “manteiga” [mã’tega].

METODOLOGIA

O *locus* do trabalho é uma escola municipal situada no bairro do Cristo, uma comunidade bastante carente inserida na área periférica da cidade João Pessoa, nas proximidades da BR 230. Este também é o local de trabalho da pesquisadora.

Os alunos escolhidos para realização e observação dos fenômenos fonológicos de ditongação e monotongação e sua transposição da fala para a escrita são os 30 alunos matriculados no 6º ano C, que têm idade entre 10 e 12 anos.

Estão entre os principais objetivos da sequência didática elaborada:

- Estimular o compartilhamento de opiniões para que todos tenham a oportunidade de contribuir com suas impressões;
- Identificar conhecimentos prévios dos alunos sobre o ditongo;
- Levar os alunos a formular hipóteses sobre regras e irregularidades da escrita convencional;
- Levar o aluno a refletir, a compreender, a tomar consciência das variações entre fala e escrita;
- Conceituar e identificar o ditongo;
- Levar os alunos a reconhecer que o ditongo, muitas vezes, não é pronunciado na fala, mas que ele existe na variedade da escrita padrão da língua.

A percepção da ocorrência dos fenômenos da ditongação e monotongação foi o ponto de partida para a necessidade de se realizar uma sequência didática que pudesse

ser atraente o suficiente para levar os alunos a uma reflexão sobre as diferenças entre fala e escrita, a fim de levá-los a ter consciência fonológica sobre esses fenômenos.

A primeira etapa do trabalho consistiu na apresentação da música *Um dia te levo comigo*, interpretada pela dupla sertaneja Jorge e Mateus. A canção foi escolhida porque nela estão presentes três ditongos que sofrem, na pronúncia cotidiana e não monitorada, o processo de monotongação: [‘bezos], [‘fêro] e [‘oro]. A música não era conhecida da maioria dos alunos, mas o ritmo, a melodia e a letra logo fizeram com que os alunos acompanhassem a canção. Vejamos esse trecho da composição:

“Não dá pra esquecer teus olhos
nem todos os *beijos*
que você me dá!
Não dá pra esquecer o *cheiro*
e o *ouro* do cabelo a me iluminar.”

Link: <http://www.vagalume.com.br/jorge-e-mateus/um-dia-te-levo-comigo.html#ixzz3dMsw4Lim>

Foi realizada uma análise oral dos sentidos propostos pelo texto da canção. Entendemos que o personagem da música é alguém que trabalha viajando na estrada e passa muito tempo longe de sua amada, que é uma mulher loira. A saudade que sente da amada faz com que ele queira voltar logo para ela e, por isso, utiliza-se de uma hipérbole (exagero) ao dizer que é capaz de correr até mais de duzentos quilômetros por hora só para revê-la. O texto, de teor romântico-sentimental, foi bem recebido pelos alunos também por coincidir ser trabalho na semana do dia dos namorados.

Na segunda etapa da atividade, os alunos receberam um material impresso com a letra da canção, porém com algumas lacunas nas quais faltavam as palavras cuja escrita desejamos analisar.

Em seguida, realizou-se uma análise comparativa entre a escrita da forma monotongada e a escrita padrão. Os alunos foram levados a se questionar por que escreveram daquela forma as palavras confrontadas. Foram levados a reconhecer que havia variação entre o que se diz e o que se escreve. Logo, com as sugestões dos alunos

realizou-se o levantamento de uma lista de outras palavras em que mesma situação acontece. Na sequência, solicitou-se o registro da primeira estrofe da música e, dessa vez, observando bem a presença dos ditongos.

Na aula seguinte, uma cruzadinha gigante foi apresentada aos alunos. A atividade foi montada utilizando-se de material metálico e imantado para organizar as letras das palavras.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fim de ilustrar os processos fonológicos que ora apresentamos neste trabalho, temos, a seguir, um exemplo que apresenta o processo de transcrição da fala para a escrita envolvendo um caso de ditongação. No texto escrito por I.E.S. observa-se que a palavra “nós” é escrita como [nojs].



(Juquinha a respondeu **nois** temos 4 rins não Juquinha você precisa ler mais o livro de ciências não professora asinhora que presisa ler mais o livro de matematica **nois** temos 4 rins.)

Netto (2012) explica esta ocorrência de transformar “nós” em [nojs] pelo fato de que quando uma oxítone ou monossílaba termina em [s], ocorrerá a inserção do glide [j] antes da fricativa alveolar.

Compreendemos, portanto, que a monotongação é o caminho contrário da ditongação, ou seja, um ditongo reduzido. Pudemos observar esse processo na escrita dos alunos que, após ouvir a canção, fizeram a transcrição da fala para a escrita, ou seja, escreveram as palavras que faltavam na letra da canção exatamente da forma como são pronunciadas nas práticas não monitoradas do cotidiano.

Um Dia Te Levo Comigo (Jorge e Mateus)

Não dá pra imagina teus olhos,
nem todos os beijos
que você me dá!
Não dá pra esquecer o cheiro,
e o louro do cabelo a me iluminar.

Aluna H.S.

Observemos a seguir a lista de outras palavras levantadas pelos alunos em que o fenômeno de monotongação corre na fala, mas deve ser evitado na escrita convencional.

BOMBEIRO
BALAIA
CAFETEIRA
DINHEIRO
CARTEIRA
SAPATEIRO
MATEIRO
PEDREIRO
CADEIRA

Para avaliação, solicitou-se que os alunos escrevessem o primeiro verso da canção e observamos que todos os alunos escreveram corretamente as palavras que antes apareceram monotongadas.

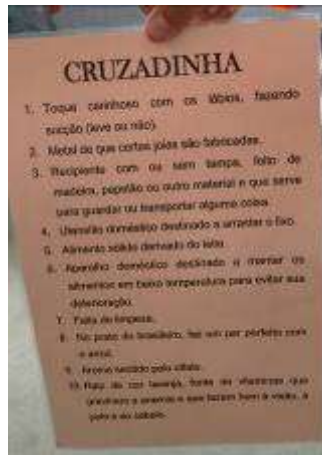
Não dá pra esquecer teus olhos, nem todos os
beijos que você me dá.

(Não dá para esquece teus olhos, nem todos os beijos que você me dá.) Aluna F. S.

Não dá para esquecer o cheiro, o louro do cabelo
a me iluminar.

(Não dá para esquece o cheiro, louro do cabelo a me i lumina.) Aluno D. C.

A cruzadinha gigante foi uma atividade lúdica e interativa, já que vinculava o raciocínio para descobrir qual era a palavra que completava os espaços ao aspecto motor (pegar as letras e colocá-las nos espaços adequados) e, ainda, possibilitava ao aluno perceber que, na fala, era possível haver a monotongação, mas que se tentasse colocar as letras dessa forma, um espaço ficava sobrando na cruzadinha.



CONCLUSÕES

Iniciamos esse trabalho com a descrição que SILVA (2014) e ARAGÃO (2000) fazem destes fenômenos (ditongação e monotongação), analisando os aspectos fonológicos dessas ocorrências. Em seguida, apresentamos alguns tipos de monotongação mais incidentes, com suas respectivas explicações com base fonológica.

Esses aspectos teóricos corroboraram na proposição de uma atividade cuja finalidade é auxiliar os alunos na redução dessas ocorrências em seus textos, tomando como apoio os estudos de Marcuschi (2007).

Aqui pudemos demonstrar que tais fenômenos, se considerados como variantes linguísticas à luz dos estudos fonéticos e fonológicos, podem ser minimizados na escrita com o auxílio do professor, quando este propuser atividades de retextualização – transformação do texto falado para o texto escrito - (MARCUSCHI, 2007) que levem o aluno à reflexão sobre diferenças e semelhanças entre a fala e a escrita, a fim de alcançar a “consciência fonológica” (LAMPRECHT, 2012).

Entendemos que os processos de monotongação e ditongação são frutos de assimilações sonoras, que são fenômenos contínuos e que, enquanto a língua existir, haverá variação e assimilação. Os também chamados “erros de ortografia” cometidos pelos alunos resultam dessas variações na pronúncia.

A escola deve se preocupar em formar, sobretudo, leitores e escritores de textos e o domínio da escrita na variante padrão da língua é uma constante e legítima preocupação entre os educadores que desejam ver seus alunos inseridos no universo da língua de prestígio.

No desenvolvimento deste trabalho, percebemos que são muitos os problemas relacionados à ortografia – referindo-se à variedade padrão, mas acreditamos que é preciso considerá-la como um objeto de aprendizagem baseado na reflexão. Por isso reconhecemos que não é possível resolver todos os problemas de escrita que os alunos apresentam ao mesmo tempo. Também entendemos que é pouco eficaz corrigir tudo



sempre, já que o aprendizado da ortografia é um processo gradual, complexo e que requer tempo.

Portanto, avaliamos como positiva a aplicação dessa breve sequência didática, esperando que ela possa auxiliar o professor na tarefa de apontar os caminhos possíveis para o desenvolvimento das habilidades linguísticas em torno dessa questão, mas devemos ressaltar que é necessário que os conceitos apreendidos pelos alunos devem ser reapresentados sempre que houver necessidade de relembrar seu uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ubiratã K. **O que é Consciência Fonológica** In: LAMPRECHT, Regina (org). *Consciência dos sons da língua: Subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. 2 ed, Porto Alegre, EDPUCRS, 2012.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. **Ditongação X Monotongação no falar de Fortaleza**. Revista Graphos, v. 5, n. 1, 2000.

BONILHA, Giovana. **Aquisição da estrutura silábica do pb: uma análise dos ditongos orais decrescentes**. Universidade Federal de Pelotas/RS. IV Encontro do Celsul (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), 2009. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/053.htm>>

CAPELLINI, A. S., et al. **Caracterização do desempenho fonológico, da leitura e da escrita de escolares com dislexia e distúrbio de aprendizagem**. In: *Aprender: caderno de filosofia e educação*, vol. 9, PP. 37-70, 2007.

NETTO, Valdir Manoel; DI PALMA BACK, Angela Cristina. **Monotongação e ditongação em textos escolares: Uma análise sociolinguística com ênfase no letramento**. Seminário de Pesquisa da Linha “Educação, Linguagem e Memória”, v. 2, n. 2, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2007.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.



MORAIS, AG de. **Ortografia: objeto de aprendizagem baseada na reflexão.** Revista Educação–Guia da Alfabetização. Segmento, PP. 30 – 45, 2010.

NASCIMENTO, Maria Selma Lima do. **Processos de monotongação e ditongação: suporte teórico para trabalhar a variação em sala de aula.** Monografia apresentada para o curso de Especialização em Linguística. Guarabira: UEPB, 2011.

OLIVEIRA, Klebson. **O verso e o reverso: redução de ditongos e ditongação em textos escritos por negros no Brasil Oitocentista.** Signum: Estudos da Linguagem, v. 11, n. 2, 2008.

ROCHA, Patrícia Graciela da; PEREIRA, Rodrigo Acosta. **O processo de ditongação sob a perspectiva da fonologia gerativa-aspectos sobre variação linguística.** Revista Língua&Literatura, v. 9, n. 13, PP. 69-92, 2007.

SANTOS, Claudinei Marques; ALMEIDA, Miguél Eugênio; RODRIGUES, Marlon Leal. **Monotongação e Ditongação no Português: um estudo diacrônico.** Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. VII SENEFIL, 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/>

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Taís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 10ª ed. São Paulo. Contexto, 2014.